

HISTÓRIA, MEMÓRIA E DEVOÇÃO: AS VOZES NEGRAS NO ROSÁRIO DA PENHA DE FRANÇA

HISTORY, MEMORY AND DEVOTION: BLACK VOICES IN THE ROSARY OF PENHA DE FRANÇA

Alessandra Guedes Moreira¹
(CISGES/UNISA/CNPq)

Resumo: Identificando um caminho ainda pouco investigado, o da liturgia musical das celebrações católicas inculturadas, este trabalho se caracteriza pela análise dos cânticos entoados na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Penha de França, zona leste da cidade de São Paulo, tendo como objetivo entender como se dá o resgate da memória afetiva entre aquela população negra particular e seus ancestrais na atualidade, e de que forma os negros da Comunidade do Rosário da Penha resgatam sua cultura ancestral como contribuição para as sociedades em que participam. Além de responder questões sobre a origem das irmandades leigas negras brasileiras ou mesmo investigar as práticas católicas dos povos pretos no Brasil Colonial, o estudo se destina exclusivamente a responder três problemas específicos: como a Irmandade dos Homens Pretos da Penha de França se preservou ao longo dos séculos XIX e XX, quais as ações que a Comunidade promove e como

Abstract: Identifying a path still little investigated, that of the musical liturgy of inculturated Catholic celebrations, this work is characterized by the analysis of the chants sung in the Church of Our Lady of the Rosary of Black Men of Penha de França, east side of the city of São Paulo, aiming to understand how the affective memory is recovered between that particular black population and their ancestors today, and how the blacks of the Rosary of Penha Community recover their ancestral culture as a contribution to the societies in which they participate. In addition to answering questions about the origins of Brazilian black lay brotherhoods or even investigating the Catholic practices of black people in Colonial Brazil, the study is intended exclusively to answer three specific problems: how the Brotherhood of Black Men of Penha de França has been preserved throughout from the 19th and 20th centuries, what actions the Community

¹ Graduada no curso de Licenciatura em História da Universidade Santo Amaro – UNISA, São Paulo. Bolsista CAPES – Residência Pedagógica. Membro do Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento – CISGES/UNISA/CNPq. Professor Orientador: Dr. Paulo Fernando de Souza Campos. Co-Orientador: Prof. Fabrício Forgenes Santos – FAAC/UNESP – MAS. E-mail: alemore13@hotmail.com.

elas contribuem para a recuperação da memória afetiva dos negros, e por fim, como a liturgia musical das celebrações resgata a ancestralidade africana. O corpus documental para o desenvolvimento deste trabalho é composto pelos folhetos de cânticos entoados na celebração mensal realizada na Igreja, investigados a partir das possibilidades de interpretação do processo histórico e do conceito de memória. Como resultado, espera-se identificar as relações estabelecidas no território religioso popular através destas celebrações, cujas características podem remeter a um passado que muitos pensavam não existir mais na cidade de São Paulo, que preserva e mantém viva a memória ancestral, caracterizando este como um lugar como testemunho da presença negra e da identidade popular paulista.

promotes and how they contribute to the recovery of affective memory of blacks, and finally, how the musical liturgy of the celebrations rescues African ancestry. The documentary corpus for the development of this work is composed of the leaflets of songs sung in the monthly celebration held in the Church, investigated from the possibilities of interpretation of the historical process and the concept of memory. As a result, it is expected to identify the relationships established in the popular religious territory through these celebrations, whose characteristics may refer to a past that many thought no longer exists in the city of São Paulo, which preserves and keeps the ancestral memory alive, characterizing this as a place as a testament to the black presence and popular identity of São Paulo.

Palavras-chave: História das Religiões e das Religiosidades; Catolicismo Negro; Liturgia Musical; Memória

Keywords: History of Religions and Religiosities; Black Catholicism; Musical Liturgy; Memory

Introdução

Este trabalho analisa como a liturgia musical da Comunidade do Rosário da Penha atua na memória afetiva da população negra com sua ancestralidade na contemporaneidade, e quais as ações que este grupo vem realizando para este resgate. Contudo, não obstante as questões inerentes à musicalidade praticada atualmente pela Comunidade, que é o objeto desta pesquisa, a investigação nos permite, ainda que de maneira sucinta, conhecer parte da história das irmandades negras brasileiras, apresentando o primeiro contato dos africanos com a devoção à Nossa Senhora do Rosário e a fundação da Irmandade Negra dedicada a este orago no bairro paulistano da Penha.

Do ponto de vista metodológico, a interdisciplinaridade desta pesquisa, que circula entre os campos da História, da Religião e dos estudos sobre memória, responde à necessidade e à importância de se entender a formação histórica da memória afetiva para os negros, e como este resgate é importante para os dias atuais, a partir da linguagem oral. Ainda que utilizada com intenções diversas, a música, como

expressão da oralidade de um povo, seria uma forte aliada para o restabelecimento de laços afetivos no seio das instituições católicas, já que outras manifestações poderiam sofrer proibições devido à declarada conexão com culturas consideradas pagãs; por intermédio da liturgia musical poderiam ser tecidas redes de memória afetiva entre os integrantes deste grupo. Nos trabalhos onde os negros aparecem exercendo atividades musicais, a pesquisa de José Ramos Tinhorão (2012) aponta o uso de africanos como tocadores em festividades muito particulares em Portugal desde o século XVI, comprovando tal hipótese a partir de documentação textual e do retábulo do Altar de Santa Aua, obra de 1522 exposta atualmente no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, onde em meio à decoração surgem negros tocando instrumentos musicais. Em outra perspectiva, no trabalho sobre a musicalidade do negro no Brasil Colonial, a pesquisadora Glaura Lucas (2014), ao abordar os sons do congado, reforçaria que a importância da música ultrapassava o caráter religioso, demonstrando, de certa maneira, que este poderia ser um importante instrumento para a salvaguarda e disseminação das tradições ancestrais:

Na qualidade de membros das Irmandades, por exemplo, os negros encontravam justificativas para as constantes reuniões musicais nas ruas, nas quais lhes era permitida a produção de uma música própria. E mesmo sem o pretexto das festas religiosas, os negros continuaram a tocar a sua música. (LUCAS, 2014, p. 47)

A proposta de Maria Luiza Tucci Carneiro (1996), caracterizada como “Análise de Discurso”, na produção deste texto foi utilizada como método. A autora evidencia a pesquisa científica a partir de uma prática que busca identificar a retórica como uma das inúmeras formas de expressão social, método este que se vale dos conhecimentos de diferentes campos como a antropologia, sociologia e psicologia na busca por identificar a retórica como uma das inúmeras formas de expressão para, deste modo, apurar o grau de representatividade dos estereótipos, dos preconceitos, do racismo.

O conceito de memória que permeia este trabalho está ancorado na perspectiva de Jacques Le Goff (2013) como *memorare monumentum*, “recordar um sinal do passado”. Para o historiador, ela reafirma e consolida o patrimônio de outros tempos, consagrando-o para gerações presentes e futuras como valor cultural deixado por

outras relações humanas, inspirando construções e reconstruções de mentalidades futuras. Desta feita, o autor nos diz:

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 2013, p. 435)

A primeira parte deste artigo traça o percurso histórico desde a fundação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França até a identificação deste templo católico, construído pelo desejo dos negros devotos, como patrimônio da zona leste paulistana, no final do século XX.

O segundo setor apodera-se do conceito de memória para identificar de que maneira é despertada a afetividade entre os negros participantes das celebrações realizadas pela Comunidade do Rosário, que tem na maior parte de integrantes os descendentes dos antigos membros da Irmandade dos Homens Pretos ali localizada. Por muitas vezes as irmandades tinham um papel muito importante na vida de negros cativos ou libertos, sendo um canal de preservação e expressão de seus valores e anseios religiosos, sociais e políticos, num contexto opressor, aspectos ainda existentes no seio da Comunidade do Rosário embora que as vicissitudes sejam outras.

A terceira parte deste trabalho traz à luz as fontes produzidas pela Comunidade do Rosário, que são parte da liturgia musical utilizada nas celebrações inculturadas,² mensalmente realizadas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Penha. A análise busca revelar como as letras destas composições resgatam a memória e a ancestralidade dos negros, objetivando, assim, apresentar a importância da música e da dança na cultura africana e dos afrodescendentes, manifestadas em forma de devoção aos santos católicos.

² O termo "inculturação" tem sido amplamente utilizado para expressar a influência recíproca entre o cristianismo e as culturas das civilizações colonizadas por europeus, onde a fé cristã passou a ser praticada. O documento intitulado Estudos da CNBB 85, que discorre sobre a Pastoral Afro-brasileira, explica que a "inculturação expressada por meio da liturgia tem sido uma resposta às novas sensibilidade da Igreja. [...] Tais celebrações são realizadas dentro dos espaços previstos pelo ritual romano e de acordo com as orientações do Magistério da Igreja, que vê como urgente a necessidade de vivificar e atualizar as diversas formas de celebração litúrgica e de comunicação da Palavra, buscando formulações adequadas à rápida evolução das mentalidades e da cultura". (CNBB, 220, p. 33)

Irmandade negra e a Igreja dos Pretos da Penha de França

A fundação de irmandades leigas tinha como principal objetivo a reunião de um grupo particular ao redor de uma devoção católica, em tempos em que caberia ao povo a administração e organização dos ritos que compunham o ciclo do nascimento à morte. Contudo, para os africanos na diáspora, a inserção nestas irmandades favoreceria a recriação de laços ancestrais ou resolveria demandas culturais e religiosas muito particulares, como aponta o pesquisador Fabrício Forgenes Santos (2019):

Tais confrarias poderiam resolver uma questão importante na tradição africana que era o destino dos corpos dos mortos, concedendo aos escravos um lugar sagrado para suas sepulturas que, conforme suas crenças asseguraria a passagem do mundo dos vivos para o mundo dos ancestrais. Certamente esta garantia serviu de premissa na adesão de alguns escravizados às irmandades, e assimilar em maior ou menor dose o catolicismo passou a ser uma decisão particular de cada irmão. (SANTOS, 2019, p.397)

Ainda que a organização de uma irmandade leiga por iniciativa dos negros fosse algo já previsto pela Igreja, deveriam ser obedecidos alguns procedimentos burocráticos inerentes à fundação destas confrarias católicas, sendo o primeiro deles a solicitação de permissão para as autoridades da época por meio de um documento chamado Auto de Ereção, onde estes suplicariam também pela construção de seu templo. O pedido para a construção de uma capela para a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França é datado de 16 de junho de 1802. Construída em taipa de pilão, a edificação posteriormente seria implantada em terreno localizado próximo à colina da Penha, excepcionalmente em posição estratégica, "de costas" para a igreja dos brancos, contrariando o usual na época. Construída pelos pretos devotos da Virgem do Rosário, escravos ou libertos, para além dos anseios no cumprimento de um ideário cristão, este lugar - assim como os outros usados pelas tradicionais Irmandades de São Benedito, de Santa Efigênia e de Nossa Senhora do Rosário - seria o espaço onde seriam tecidas redes de solidariedade que poderiam auxiliar, inclusive, na conquista das suas alforrias.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Penha, em São Paulo, é a única igreja construída por negros para suas práticas católicas que se manteve no espaço urbano de sua fundação, com as mesmas características arquitetônicas da construção original.

Segundo Santos, “[...] por estar longe da região economicamente mais valorizada, a Igreja conseguiria se preservar em sua integridade física, recebendo apenas ajustes na fachada com ornamentos decorativos atualizados de acordo com o padrão de cada época”. (SANTOS. 2019 p. 406) O outro templo, erguido por irmandades negras paulistanas, também dedicado à Nossa Senhora do Rosário, a igreja que se localizava no centro da cidade de São Paulo, mais precisamente no antigo Largo do Rosário - hoje Praça Antônio Prado -, foi demolido e reconstruído no Largo do Paissandu no ano de 1906, onde se mantém até hoje. A Igreja de Santa Efigênia, igualmente na região central de São Paulo, teve sua arquitetura reformulada segundo o gosto das elites após 1907, quando a irmandade negra já tinha sido destituída. Em outras cidades, igrejas de pretos também foram destruídas nas primeiras décadas do século XX, como a localizada próxima a zona leste de São Paulo, outra Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que estava em lugar privilegiado da área central da cidade de Guarulhos, e foi destruída para reformas urbanas. Tais exemplos demonstram as tentativas de apagamento dos territórios simbólicos e matérias construídas para a comunidade negra, lugares repletos de identidades e memórias da cultura das camadas populares, apontando para a importância da igreja em que os negros da Penha organizam as celebrações inculturadas, como marco territorial da população negra de São Paulo.

A destruição das muitas igrejas dos Homens Pretos nas cidades brasileiras respondeu, em parte, a um projeto de nação que objetivava, sobretudo, o embranquecimento da sociedade. (ROLNIK, 1989, p. 79) Cabe ressaltar que as reformulações urbanas também acometeram templos católicos utilizados para o exercício religioso da população branca, contudo, a estes, não lhes foi negada a livre circulação pela cidade, haja vista que muitas destas irmandades foram reinstaladas em outras igrejas mantidas ou reformadas. Aos negros, o reflexo da pós-abolição refletiu no acesso aos espaços centrais mais valorizados, sendo expulsos para as bordas das cidades, o que daria início a ocupação majoritária de pretos nos bairros periféricos. Neste contexto de resistência se enquadra a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França (Fig.1).

Figura 1: Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França



Fonte: (Arquivo da Autora. 02/12/2018)

O reconhecimento deste lugar para a sociedade paulistana veio no dia 04 de maio de 1982, quando o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico - CONDEPHAAT - decretou o tombamento da igreja. O parecer, realizado pelo arquiteto Carlos Lemos em 1973, quando da visita à Basílica de Nossa Senhora da Penha, deixa claro a surpresa ao encontrar a igreja dos negros preservada naquele enclave paulista:

Nas imediações da igreja (da Penha) em questão existe um modesto templo que merece nossa atenção por estar praticamente conservado, embora tenha o início de sua construção situada em 1802. Foi reformado por volta de 1896, quando lhe deram uma torre e um frontão "eruditos" que disfarçaram a primitiva feição caipira. Trata-se da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França. Os ex-votos dos milagres feitos por Nossa Senhora da Penha ali estão guardados. É quase um museu. Sua restauração, fácil. Pessoalmente, achamos que, que se é para haver ali um tombamento, esse templo é que deverá ser preservado. (CONDEPHAAT, 1979, p.1-2) *³

³ *Trecho do Processo de Tombamento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, produzido pelo arquiteto Carlos Lemos para o CONDEPHAAT.

Com a finalidade de perpetuar a lembrança dos antepassados que resistiram ao jugo da escravidão no Brasil e refletir sobre sua história, seria organizada a Comunidade do Rosário no bairro da Penha, grupo que desde 2002 realiza a Festa de Nossa Senhora Rosário dos Homens Pretos da Penha, durante todo o mês de junho – em homenagem ao documento Auto de Ereção, mencionado acima –, e celebrações mensais inculturadas. A investigação realizada a seguir parte da análise dos cânticos desta liturgia musical, composições produzidas algumas vezes pelos próprios integrantes da Comunidade e que são entoadas a fim de despertar a memória afetiva dos negros.

Memória: preservar e manter viva a identidade popular

As comunidades organizadas como forma de resistência negra no Brasil podem ter no histórico das irmandades leigas católicas importantes referenciais, à medida que a dimensão de religiosidade dos descendentes de povos africanos no Brasil se constitui a partir desse núcleo religioso; por isso se configura fundamental a preservação deste território como um lugar de memória para a população negra brasileira e, no caso particular, da cidade de São Paulo.

As memórias, como propriedade de conservar certas informações, remetem em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada. (LE GOFF, 2016, p.387) Com as celebrações mensais da Comunidade do Rosário, em cada primeiro domingo do mês, o grupo se conecta com a ancestralidade do seu povo – que por muito tempo teve suas vozes silenciadas – através das orações e cânticos elaborados mediante a introdução de elementos da cultura afro-brasileira, recuperando tradições e buscando a memória ancestral africana.

A memória humana não é uma mera reprodução de experiências passadas, e sim uma forma de reconstrução destas experiências, de acordo com a realidade presente, dos recursos da sociedade e da cultura. O conhecimento que possuímos a respeito do acontecimento é suficiente para que ele possa fazer parte da memória individual ou coletiva. Trazendo mais uma vez para este trabalho as considerações de Le Goff, que designa para alguns povos africanos a memória coletiva, ressaltamos que na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de

elementos na memória faz parte da vida cotidiana (LE GOFF, 2016, p. 391), o que traz relevância ao estudo da liturgia musical produzida pelos próprios integrantes da Comunidade.

Nas sociedades sem escrita – tomando como hipótese de que alguns dos ancestrais dos integrantes da Comunidade do Rosário poderiam ser iletrados – excetuando certas práticas de memorização *ne varietur*, das quais a principal é o canto, são atribuídas à memória maior liberdade e mais possibilidades criativas. Le Goff já identificaria a importância do canto para algumas sociedades, que na religiosidade Afro-brasileira faz um papel importantíssimo nas celebrações, como identificado nas liturgias musicais das celebrações promovidas na Igreja do Rosário da Penha. A religião, principalmente o cristianismo, para Le Goff, tem um papel importante na construção da memória:

Cristianização da memória e da mnemotécnica, repartição da memória coletiva entre uma memória litúrgica girando em torno de si mesma e uma memória laica de fraca penetração cronológica, desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos santos, papel da memória no ensino que articula o oral e o escrito, aparecimento, enfim de tratados de memória (*artes memoriae*), tais são os traços mais característicos das metamorfoses da memória. (LE GOFF, 2016, p. 405)

A partir desse conceito, podemos supor a importância das irmandades para os negros no contexto colonial, utilizadas como espaços de socialização, onde ocorriam trocas culturais, redes de solidariedades e assistência espiritual, coletando dinheiro para custear os sepultamentos de seus membros e, algumas vezes, angariando recursos para compras de alforrias.

A princípio a aproximação de uns com os outros se dava em função da busca do semelhante, ou seja, do portador da mesma língua, dos mesmos hábitos, das mesmas crenças. Devemos lembrar que os africanos escravizados que foram trazidos para o Brasil vieram de várias partes diferentes da África, arrancados de seu espaço religioso, proibidos de cultuar seus deuses, especialmente aqueles que conviviam no contexto urbano das vilas ou cidades. Os grupos étnicos ou familiares separados, como uma tentativa de destruir a memória coletiva e tornando-os mais fracos para serem submetidos à escravidão, ao encontrarem outros semelhantes reconfortavam-se, pois encontravam uma segurança que era simbólica e respondia às suas afetividades. Para

resolver esta lacuna, as Irmandades davam, acima de tudo, o suporte para que os africanos e seus descendentes se integrassem à comunidade, e nela encontrassem papéis sociais e espaços de convivência que a escravidão lhes negava.

Muito além dos novos laços de parentesco, para Roger Bastide (1971) o catolicismo negro foi um relicário precioso que a Igreja ofertou aos negros, não obstante ela própria, para aí conservar não como relíquias, mas como realidades vivas, certos valores mais altos de suas religiões nativas. O antropólogo Paul Connerton (1999) traria outras considerações sobre as cerimônias comemorativas, que pode se estender as praticadas pelos negros nas irmandades católicas, argumentando que tais atividades eram uma forma de preservar o passado vivo por meio de uma representação descritiva de fatos que já haviam acontecido:

Trata-se de uma reencenações do passado. Do seu regresso sob uma forma representacional que inclui normalmente um simulacro de cena ou da situação capturada. Muito da persuasividade retórica dessas encenações depende, como vimos atrás, de um comportamento corporal prescrito, mas podemos também preservar deliberadamente o passado sem os representarmos explicitamente com palavras e imagens. Os nossos corpos, que nas comemorações reencenam estilisticamente uma imagem do passado, conservam-no também de forma inteiramente eletiva na sua capacidade de executar espontaneamente os movimentos corporais em questão é deficiente, consultamos uma imagem mental daquilo que devemos fazer. Muitas formas de memória corrente especializada ilustram o relembrar constante do passado que, sem nunca aludir à sua origem histórica, reencena, todavia, esse passado na nossa conduta presente. Na memória corrente, ele está, por assim dizer, sedimentada no corpo. (CONNERTON, 1999, p. 83)

Assim foi e continua sendo a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha que, por intermédio de suas atividades religiosas, preserva um território próprio em que, a partir do encontro, afirma uma identidade própria, construída na experiência coletiva da produção e na vivência religiosa, social e cultural, transformando-se em um lugar carregado de valores afetivos e reconstruindo a memória religiosa do negro.

Africanidade no culto à Senhora do Rosário: música, canto e dança

A recitação do rosário e a devoção dos negros à Nossa Senhora do Rosário foram iniciadas ainda em solo africano pelos religiosos dominicanos, quando da colonização no final do século XV. No Brasil, este culto teria sido difundido pelos jesuítas na chegada dos primeiros africanos escravizados, que, em apoio à colonização, realizavam a evangelização dos gentios propagando que a conversão seria necessária para a salvação das almas indígenas ou negras. A catequese jesuítica partia da ideia de que era preciso adaptar o dogma à mentalidade dos negros, que era, segundo eles, comparada a das crianças. Das estratégias de aproximação entre ambas as culturas, seria preciso atraí-los pela música e pela dança, não sendo preciso romper definitivamente com os costumes tradicionais anteriores, mas apenas fazer uma adaptação aceitável para a Igreja, conduzindo-os à verdadeira fé. Daí surgiram as várias igrejas dos pretos, homenageando Nossa Senhora do Rosário e outros tantos santos negros.

Ao difundir a crença católica a todo povo, a Igreja colaboraria para que os negros imprimissem nos cultos e nas festas religiosas suas particularidades. Considerando a pluralidade de culturas dos povos trazidos da África, Roger Bastide observaria que o culto a Nossa Senhora do Rosário e aos santos pretos esteve relacionado, sobretudo, aos bantos, tendo menor assimilação entre os daomeanos e, iorubanos:

As confrarias religiosas da Virgem do Rosário ou de São Benedito ofereciam aos bantos, apesar de tudo, uma concepção de "intermediários" que podia se adaptar à sua própria; de um lado, a ideia de que os santos eram os intercessores entre o homem e Deus, identificava-se em seu pensamento com a própria ideia de que eram os ancestrais que estavam encarregados de levar seus pedidos a Zumbi ou Zumbi, divindade do céu, isso tanto facilmente, pois que a Virgem e os santos viveram na terra antes de alcançarem a glória de Deus. Em segundo lugar a existência de Virgens negras, de santos pretos podia fazê-los pensar que esses "negros" católicos tivessem sido ancestrais de suas raças, não mais, é verdade, ancestrais familiares, mas, ao menos, ancestrais nacionais. (BASTIDE, 1971, p. 88)

Desta maneira, para o autor, os bantos seriam mais permeáveis do que os de outras etnias africanas à aceitação dos dogmas católicos. Nas irmandades católicas, surge uma nova Igreja, chamada por Bastide de "Igreja Negra", com uma nova

perspectiva cultural, de valores e de normas (Ibidem). E, neste contexto, aconteceriam as festas para os santos de devoção, onde se dava a inculturação de certos rituais africanos, como durante a coroação de reis e rainhas, em que os negros faziam uso de instrumentos africanos de percussão na execução de suas músicas e danças, num som constante que preenchia os espaços sacralizados, conforme aponta Glauro Lucas:

Na qualidade de membros das Irmandades, por exemplo, os negros encontravam justificativas para as constantes reuniões para as constantes reuniões musicais nas ruas, nas quais lhes era permitida a produção de uma música própria. E mesmo sem o pretexto das festas religiosas, os negros continuaram a tocar sua música. (LUCAS, 2014, p.47)

O evento musical, desde as danças coletivas até o ato de colocar uma fita cassete ou um Cd num aparelho, evoca e organiza memórias coletivas e proporciona experiências de localidade com uma intensidade, uma força e uma simplicidade inigualáveis a nenhuma outra atividade social. Os lugares construídos através da música envolvem noções de diferenciação e fronteiras sociais. (LUCAS, 2014, p.77)

Esta vivência do Sagrado foi e seguiu sendo importante no processo de resistência do negro nas irmandades a partir dos conteúdos religiosos representados pelos antepassados. Neste aspecto, se inserem as celebrações inculturadas realizadas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, que resgatam a ancestralidade através dos cânticos entoados, como observado nas letras apresentadas a seguir, identificando os adjetivos que se referem diretamente ao sujeito ou grupos sociais como, por exemplo, no canto de abertura abaixo: "Acorda Negro pra moer café/ Acorda Negro pra moer café/ Negro já são cinco horas, hora de ficar de pé/ Sinhá não quer saber, se negro é homem, menino ou mulher/ Negro chora, chora para manter sua fé". (CANTO DE ABERTURA, ROSÁRIO, 2019)

A letra faz menção aos negros na condição de escravizados e mostra que, enquanto sujeito, eles não tinham escolha de vida, pois não importava seu gênero, já que sua vida era garantida apenas para o trabalho. Sempre estabelecendo relações com o ritual de fé praticado na Igreja do Rosário da Penha, há hipóteses de que através do Canto de Abertura, a intenção seja resgatar a memória histórica e valorizar a cultura afrodescendente.

Figura 2: Grupo musical da celebração inculturada realizada pela Comunidade do Rosário da Penha



Fonte: (Vanderson Sátiro, 04.06.2017)

Podemos identificar também nos cânticos a adoração e a devoção a Nossa Senhora do Rosário, como em outro texto que é costumeiramente cantado nas celebrações inculturadas da mesma igreja. Este exemplo serve para constatar a teoria da pesquisadora Tucci Carneiro, no que diz respeito ao levantamento dos traços pertinentes a cada grupo, ou seja, da identificação dos elementos acionados para justificar ou formar aquela qualidade que irá compor o perfil dos homens. (CARNEIRO, 1996, p. 210) Esta segunda música, composta pelos membros da Comunidade do Rosário, serve também para destacar os pontos principais de Le Goff sobre a memória como sinônimo de resistência e a consciência de coletividade das Irmandades Negras:

Nossa Senhora do Rosário/ Mãe de Deus, nosso senhor/ do teu ventre nascem flores, da tua boca jorra amor/ Ê,ê, Ê Razão/ Quando os homens se encontram/ vale mais o coração./ Do solo sagrado que

acolhe a semente/ da forte mão preta de toda essa gente/ arando.../ a luta e a transformação/ Rosário/ dos pretos, das pretas, de quem é irmão./ Auê ê ê... Ê auê/ Nossa Senhora do Rosário/ Nossa força é a tradição das mulheres, que costuram as memórias deste chão./ Ê, ê, ê paixão!/ Na fé deste quilombo/ Que resiste meu irmão.../ Do solo sagrado que acolhe a semente/ Da forte mão preta de toda essa gente arando.../ A luta e a transformação Rosário.../ Dos pretos, das pretas de quem é irmão. (CANTO DE ENTRADA- ROSÁRIO, 2019)

O cântico acima, em sua letra, aborda a luta das mulheres negras e sua transformação, indicando que tais ações são sinais de resistência, e que essa luta seria um marco histórico; inconscientemente ou não, esse trecho composto sugere intenções de perpetuação entre as futuras gerações. Segundo Le Goff, seria este um mecanismo da sobrevivência das tradições da memória oral e do resgate da memória de um passado ancestral. (LE GOFF, 1996, p. 76) Abaixo, uma terceira música, encontrada no folheto de cânticos da celebração da Comunidade do Rosário da Penha, entoada nas homenagens à Bíblia, por si só contempla vários dos aspectos já abordados:

Fazei ressoar, ressoar.../ A palavra de Deus em todo lugar/ Vamos lá/ Na cultura na História, vamos expressar/ Levando a palavra de Deus em todo lugar, vamos lá/ Com o negro e com o índio, vamos, pois, louvar/ e com a comunidade, vamos festejar, vamos lá/ Com o atabaque e com o tambor, vamos celebrar/ Lavando a palavra de Deus em todo/ lugar vamos lá. (ENTRADA DA BÍBLIA, 2019)

A memória coletiva que é abordada na obra de Le Goff - na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta -, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. A música é a forma de difusão do conhecimento da tradição da cultura negra; sendo assim o motivo da importância dos cânticos da liturgia e seus ritos seria de levar a tradição e seus conhecimentos a todo lugar, contribuindo, no caso estudado neste trabalho, a formação da memória coletiva do grupo de frequentadores das celebrações católicas inculturadas.

As músicas apresentadas ainda possibilitam analisar a retórica com seus aspectos sociais e seu significado, favorecendo a elaboração de um inventário cronológico das palavras, procurando identificar seu significado de acordo com os valores impostos pelo grupo, "as mudanças sociais se traduzem pelas mudanças na estrutura linguística". (CARNEIRO, 1996, p.24) Em termos gerais, os conceitos de

memória e a retórica foram fundamentais para se entender a liturgia e sua importância, na resistência, no resgate da memória e na valorização da cultura negra.

Considerações finais

No decorrer deste trabalho identificamos que a prática do Catolicismo Negro foi uma das marcas mais importantes para a construção da identidade afro-diaspórica no Brasil, e que a memória afro-brasileira ainda tem muito a ser estudada, principalmente na chave dos espaços católicos negros. A sua importância ultrapassa os aspectos ritualísticos e as relações sociais foram de suma importância para povos negros, principalmente porque estas igrejas sempre se mantiveram como marcos de resistência urbana e de ruptura na estrutura social.

Em 2019, a Comunidade do Rosário da Penha celebrou sua 18ª Festa com o tema “Rosário, ventre que gera sementes de resistência”, resgatando a valorização da mulher negra e a importância daquele território como irradiador da cultura de matriz africana. Além da festa, as ações realizadas mensalmente por afrodescendentes na Igreja do Rosário da Penha contribuem principalmente para a conservação do patrimônio, fomentando este como um lugar de memória negra na cidade de São Paulo.

A solidariedade da Comunidade do Rosário entre os seus adquire força para a permanência até os dias atuais, tornando-se um espaço de referência religiosa, social e cultural. Sendo resistentes e mantendo a constância de suas celebrações mensais – principalmente no Brasil do século XXI, onde e quando o racismo e a intolerância religiosa ainda encontram lugar –, a Comunidade do Rosário, que atua de forma independente, revela, a partir da forma como gere, este espaço como sagrado. A relevância deste grupo se faz também dentro das instituições católicas, que atualmente tem somente na Pastoral Afro-brasileira, ainda não exigida entre todas as paróquias mesmo com os 54% de negros auto-declarados (IBGE, 2019), um instrumento para de diálogo com a negritude que alcance até as regiões periféricas, onde habita atualmente a maior parcela da população preta brasileira. Visando especificamente despertar o respeito à maneira particular de cultuar seus santos e reafirmar sua africanidade no ambiente católico, por intermédio das celebrações

inculturadas, a Comunidade do Rosário favorece o resgate da memória afro-brasileira, preservando e valorizando o solo sagrado de muitos de seus ancestrais.

Referências

- ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo**. São Paulo: Livraria José Olympio, 1953
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.
- BORGES, Célia Maia. **Escravos e Liberto nas Irmandades do Rosário: Devoção e Solidariedade em Minas Gerais- Séculos XVIII e XIX**. São Paulo, Editora UFJF, 2005
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. "O Discurso da Intolerância. Fontes para o estudo do racismo". In: DI CREDO, Maria do Carmo Sampaio (org). **Fontes Históricas: abordagens e métodos**. Assis: UNESP, 1996. P.21-32
- CNBB. Estudos da CNBB 85. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil / Pastoral Afro-brasileira. 2ª Edição. Brasília: Edições CNBB, 2020
- CONDEPHAAT. **Processo de Tombamento 20776/79**. São Paulo: Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, 1979
- CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. Lisboa: Celta, 1999
- GOFF, Jacques Le. **História & Memória**. 7 ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2016.
- LUCAS, Glaura., **Os Sons do Rosário**. O congado Mineiro dos Arturos e Jatobá. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- MORELLI, José. **Penha de França Expressões do Rosário. Irmandade da igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França: testemunho de solidariedade e de esperança**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2016
- Moura, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. 2.ed. São Paulo, Perspectiva, 2019
- QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Irmandades Negras: outro espaço de Luta resistência**. São Paulo: Annablume e FAPESP, 2002
- REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: Irmandades de africanos e crioulos na Bahia Setecentista**. São Paulo: Alameda, 2011
- ROLNIK, Raquel. "Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidades e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro." Texto escrito em 1989 e publicado pela primeira vez na Revista de Estudos Afro-asiáticos 17 – CEAA, Universidade Cândido Mendes, setembro de 1989. **Diversidade, espaço e relações étnico-espaciais. O Negros na geografia do Brasil**. Renato Emerson dos Santos (org). Coleção Cultura Negra e Identidades. Edição 1. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.
- ROSÁRIO, Comunidade do. **Folheto de Cânticos**. Liturgia Musical da Celebração Inculturada realizada nos meses de maio e junho na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França. São Paulo: 2019.
- SANTOS, Fabricio Forganés. "As Igrejas das Irmandades dos Homens Pretos e a memória afro-brasileira no urbanismo da cidade de São Paulo." **Anais do II Seminário**

Internacional Espaços Narrados: as línguas na construção dos territórios ibero-americanos. JORGE, Luís Antônio (Org.). São Paulo: FAU/USP, p: 392-413, 2019

SCARANO, Julita. **Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII.** 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção Brasileira.** 5 ed. São Paulo: Selo Negro, 2005

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano.** 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 2013.

SOUZA, Ney de. **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo.** São Paulo: Paulinas, 2004

TINHORÃO, José Ramos, **Festa de Negro em Devoção de Branco. Do carnaval na procissão ao teatro no círio.** São Paulo: Editora UNESP, 2012.

Recebido em: 17/11/2020

Aprovado em: 01/12/2020